



ARTIGO/DOSSIÊ

FICÇÃO CLIMÁTICA COMO IMAGINAÇÃO POLÍTICA NO ANTROPOCENO: UM ESTUDO DA NOVELA “BUGÔNIA”, DE DANIEL GALERA

MARINA PEREIRA PENTEADO

Marina Pereira Penteado

Doutora em Estudos de Literatura, pela Universidade Federal Fluminense, em 2018.

Professora da Universidade Federal do Rio Grande.

Pesquisadora do grupo de pesquisa “Distopia e Contemporaneidade” (UFF/CNPq) e do grupo de pesquisa “O mundo que (des)conhecemos: examinando as distopias pós-modernas nas literaturas anglófonas contemporâneas” (UFPEL/CNPq).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1748010861441799>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6325-548X>.

E-mail: marinapereira@furg.br.

Resumo: O presente trabalho busca pensar nas potencialidades de imaginação política da ficção climática e como essa literatura pode contribuir para pensarmos o Antropoceno. Para tanto, escolhi a novela pós-apocalíptica “Bugônia”, de Daniel Galera, publicada no livro *O deus das avencas* (2021), uma narrativa que propõe outras formas de habitar o planeta por meio da história de um grupo de sobreviventes de uma região assolada pela crise climática e ambiental. O grupo, chamado de “Organismo”, vive em uma aparente

simbiose com colmeias de abelhas que se alimentam de cadáveres e, por conseguinte, produzem um composto – o “necromel” – capaz de imunizar os humanos das doenças que exterminam o restante da população. Através de uma análise da aparente harmonia que existe no sistema da “Organização”, possível devido à aliança de cooperação mútua entre as espécies, o presente trabalho busca estabelecer um diálogo entre a novela e as discussões sobre Antropoceno e ficção especulativa (Stengers, 2014; Tsing, 2015; Haraway, 2016) – neste caso focando as de temática climática –, a fim de refletir sobre as possibilidades imaginativas que essa literatura apresenta para repensarmos nossas práticas no mundo.

Palavras-chave: Ficção climática. Literatura Brasileira. Antropoceno. Teoria Literária. Ecocrítica.

Abstract: This work aims to explore the potential of climate fiction to imagine a different world and how this literature can contribute to our understanding of the Anthropocene. To do so, I have chosen the post-apocalyptic novel “Bugônia” by Daniel Galera, published in the book *O deus das avencas* (2021). The narrative suggests alternative ways of inhabiting the planet through the story of a group of survivors from a region ravaged by climate and environmental crisis. The group, known as the “Organism,” lives in an apparent symbiosis with bees that feed on corpses and, consequently, produce a compound – the “necromel” – capable of immunizing humans against diseases that decimated the rest of the population. Through an analysis of the apparent harmony in the “Organism” system, made possible by mutual cooperation between species, this work seeks to establish a dialogue between the novel and discussions on the Anthropocene and speculative fiction (Stengers, 2014; Tsing, 2015; Haraway, 2016) – in this case, focusing on climate themes – to reflect on the imaginative possibilities that this literature presents for reconsidering our practices in the world.

Keywords: Climate Fiction. Brazilian Literature. Anthropocene. Literary Theory. Ecocriticism.

Jeff VanderMeer, em um texto para a *Esquire* de abril de 2023, comenta sobre a ficção estar mudando junto com o mundo e sobre as crises, mais especificamente a climática, ter começado a permear todas as formas de arte (Vandermeer, 2023, s.p.)¹. Na literatura, até um novo nome para o fenômeno foi cunhado: ficção climática – ou *cli-fi* –, e a literatura brasileira contemporânea tem produzido um grande número de obras que se enquadram na definição. Desde 2016, com a publicação de *Meia-noite e vinte*, Daniel Galera é um dos autores que tem se engajado em escrever esse tipo de narrativa. O romance, que segue a tradição realista predominante na literatura brasileira, gira em torno de três personagens que cresceram em meio ao início da popularização da internet e se viram presas entre promessas não cumpridas e anseios apocalípticos – discussão essa que será aprofundada em *O deus das avencas* (2021), composto por três novelas de estilos diferentes que também giram em torno de medos acerca do fim.

Apesar da abreviação do termo *cli-fi*, criado pelo jornalista Dan Bloom, remeter à ficção científica e às diversas fabulações de outros mundos, a literatura que tem sido identificada como ficção climática ultrapassa características de um gênero específico e acaba por permear desde narrativas com traços realistas – como é o caso de *Meia-noite e vinte* –, passando por gêneros ou subgêneros como ficção científica, ficção pós-apocalíptica, distopia, utopia, entre outros. E, justamente pela ficção climática apresentar tal característica, tenho a entendido muito mais como uma temática, assim como Adeline

1 Cf: “(...) in this moment, cocooned uncomfortably within climate crisis, as if trapped within a porcupine turned inside out, the issue is not speculative. It permeates everything and everyone, even those who have not recognized it yet. Poetry, contemporary realist fiction, interdisciplinary art installations — any creative form, in any mode, can (and sometimes should) engage with the climate crisis, even if it’s just a persistent hum in the backdrop, like a misfiring bank of fluorescent lights”.

Johns-Putra (2016) defende, do que um subgênero ou gênero, como o próprio Dan Bloom (2014) irá chamar e como pesquisadores como Derek Woods (2023) irão se referir a ela. No entanto, da mesma forma que VanderMeer observa sobre “a ficção estar mudando junto com o mundo” (Vandermeer, 2023, s.p.), tem se tornado evidente a necessidade de se pensar em termos formais para essa literatura, uma vez que tratá-la apenas como uma temática também não parece suficiente, tendo em vista a variedade de obras que tem focado na questão ambiental só nos últimos anos.

Se antes as ficções especulativas pareciam distantes da nossa realidade, hoje em dia os limites estão mais obscuros, no geral, exigindo um novo olhar para esses textos. Neste sentido, Kim Stanley Robinson, em uma entrevista publicada na *Radical Philosophy*, chama a ficção científica de “o realismo do nosso tempo” (Robinson, 2018, p. 88) e, em outra entrevista, desta vez para a *Jacobin*, de “realismo proléptico”² (Robinson, 2022, s.p.), ao se referir ao tipo de ficção científica que ele produz, que seria uma que anteciparia apenas um pouco o nosso presente. Quando a temática dessa literatura se torna a crise climática, então, a distância temporal da catástrofe narrada para o nosso presente parece ainda menor, tendo em vista já estarmos imersos na crise e, pior, sem perspectiva de sair dela. Embora obras como *Meia-noite e vinte* não sejam exatamente prolépticas, narrativamente falando, mas sim obras que tratam de ansiedades sobre o que está por vir – não necessariamente se utilizando de *flashfowards* em suas construções –, a antecipação dos problemas que os personagens percebem no seu presente talvez pudesse fazer com que essa literatura fosse considerada uma espécie de “realismo

2 No original: “the realism of our time”, “proleptic realism”. Esta e as demais traduções são da autora.

proléptico”, de fato, uma vez que, nelas, o medo do que está por vir pode parecer, por vezes, mais assustador do que a própria narrativa pós-apocalíptica, onde já temos o problema instalado.

Apesar de não ter a intenção de me aprofundar nesta questão teórica no presente artigo, é importante introduzir o assunto e delimitar que entendo a ficção climática como uma temática que permeia diversos gêneros e subgêneros, uma vez que é desta forma que irei ler a última novela do livro *O deus das avencas*, que tem como foco um grupo de sobreviventes em meio às ruínas do capitalismo tardio. A proposta de compreender a aparente guinada na literatura brasileira para a ficção especulativa, um gênero que sempre foi marginalizado na/pela academia, acompanha minha tentativa de compreender as potencialidades que essa ficção, principalmente quando focada nas questões ambientais, nos oferece de pensar outras formas de habitar o Antropoceno. Termo que, embora ainda não oficializado, já tem sido amplamente utilizado por cientistas para nomear a nova época geológica que marcaria este momento no qual as atividades humanas teriam sido tão intensas a ponto de influir diretamente na natureza.

A novela “Bugônia”, assim como outras narrativas do mesmo período, como *A morte e o meteoro* (2019), de Joca Terron, *Cidades afundam em dias normais* (2020), de Aline Valek, e *A extinção das abelhas* (2021), de Natália Borges Polezzo, para citar apenas algumas, parece se inserir na tendência crescente no país de ficções que não apenas falam das mudanças climáticas antropogênicas, mas que fazem isso utilizando-se da ficção especulativa. O gênero em questão, por sua vez, também parece ter chamado a atenção de filósofas e antropólogas que são referências nos estudos de Antropoceno,

como Donna Haraway, Isabelle Stengers e Anna L. Tsing. As três irão utilizar nos seus estudos o termo “ficção científica” para falar da literatura de autoras como Ursula K. Le Guin, Octavia Butler e Marion Zimmer Bradley, mas, em última análise, o que elas descrevem também se aplica às potencialidades de outros subgêneros da ficção especulativa e não somente da ficção científica em si. Potência que noto em “Bugônia”, de Daniel Galera, novela pós-apocalíptica que não apenas tem a discussão da crise climática atual como ponto central, mas que se propõe a imaginar outras possibilidades de vida nas ruínas do Antropoceno.

A narrativa de Galera é situada em um futuro devastado por um colapso ambiental e lida com as relações humanas e não humanas enquanto acompanha um grupo de sobreviventes, chamado de “Organismo”, que vive em uma aparente simbiose com colmeias de abelhas que se alimentam de cadáveres e, por conseguinte, produzem um composto chamado de “necromel”, capaz de imunizar os humanos da comunidade das doenças que exterminam o restante da população. Através de uma aparente harmonia que existe no sistema da Organização, possível devido à aliança de cooperação mútua entre as espécies, “Bugônia” parece indicar que, no Antropoceno, as narrativas de excepcionalismo e individualismo já não nos servem mais. Para sobrevivermos, é necessário criarmos novas histórias que nos falem de alianças e recuperações parciais. É necessário pensarmos em ferramentas para lidar – ou permanecermos – com o problema, como diria Donna Haraway (2016).

André Araújo, em seu artigo “Quando o familiar se tornou um alienígena? Sobre Antropoceno e ficção”, sugere que a crise ambiental parece transformar o planeta em algo estranho e cada vez mais hostil

e as narrativas, como as que são articuladas a partir do conceito de Antropoceno, parecem especialmente potentes na tentativa de compreender e registrar a nossa experiência “diante da perspectiva, cada vez mais realista e aterradora, da nossa extinção coletiva” (Araújo, 2023, s.p.). Como o autor comenta, parafraseando Eileen Crist, existe uma pobreza na nomenclatura do Antropoceno, que “esconde e naturaliza as dinâmicas que foram de fato responsáveis pela inauguração do regime” (Araújo, 2023, s.p.). E é aí que o discurso do Antropoceno deixa de ser apenas científico e se torna um “objeto de disputa de narrativas distintas” (Araújo, 2023, s.p.), segundo Araújo, e nos deparamos, então, com as disputas acerca da própria nomenclatura, que vai trazer entre as mais famosas o conceito Chthuluceno, de Donna Haraway – que não coincidentemente vai chamar a ficção científica para o debate, com os seus vários *SFs* desenvolvidos ao longo de sua reflexão em *Staying with the Trouble* (2016).

O termo, que é uma sigla para ficção científica em inglês, é também “fabulação especulativa”, “feminismo especulativo”, “fato científico”, “até então” ou “por enquanto” (“*so far*”, em inglês) e o que ela se refere como “*string figures*”, que poderia ser traduzido como “cama de gato”. Um jogo com barbantes que, inclusive, na sua própria constituição, irá exigir um esforço conjunto, uma vez que é necessário mais do que uma pessoa para a brincadeira acontecer. A ideia de cooperação presente na imagem que Haraway apresenta é justamente o que irá permear o seu pensamento ao longo do livro *Staying with the trouble* também. Como ela afirma: “importam quais mundos mundeiam mundos. Importam quais histórias contam histórias”³ (Haraway, 2016, p. 35). E a ficção especulativa parece

3 No original: “[i]t matters what worlds world worlds. It matters what stories tell stories”.

ser um espaço prolífico para pensarmos sobre cooperação. Para Haraway, ainda há chance de sobrevivermos, o planeta (ainda) não está completamente destruído e, para isso, precisamos pensar em como trabalhar juntos, como faríamos em uma brincadeira de cama de gato. Segundo ela: “a recuperação ainda é possível, mas apenas com alianças multiespécies”⁴ (Haraway, 2016, p. 117).

Em “Bugônia”, Daniel Galera joga justamente com essa possibilidade de pensar um futuro em que as alianças entre espécies são tão necessárias para a sobrevivência que, sem elas, não há mais possibilidade de vida humana na Terra. Na novela, é o necromel que imuniza os integrantes do Organismo da peste que assola o mundo, fazendo com que eles sobrevivam justamente por terem uma relação de cooperação com as abelhas que produzem o composto. Ao oferecerem os corpos de seres humanos mortos para as abelhas, elas produzem o mel que servirá de antídoto para eles. Contudo, como Haraway bem sabe, estas alianças são delicadas, e personagens como a Velha, uma das líderes desta comunidade – pelo menos no início da novela –, sabe bem de tal fragilidade. Como o narrador observa, “a aliança, não cansa de ensinar a Velha, é um pacto reescrito a todo instante. Uma sintonia frágil entre corpos, uma dança.” (Galera, 2021, p. 173). E, mais do que isso, os habitantes do Organismo se definem mesmo como um grupo que não só depende de arranjos, mas que encontra sua própria identidade neles; “somos um e somos muitos quando necessário. E nosso modo de vida é fazer aliados” (Galera, 2021, p. 176).

O mundo devastado dessas personagens, apesar de próximo ao nosso quando pensamos que é para onde nos encaminhamos se mantivermos as mesmas práticas, é ao mesmo tempo completamente

4 No original: “Recuperation is still possible, but only in multispecies alliances”.

estranho, uma vez que nele a vida não segue mais a mesma lógica que conhecemos. Desta forma, é no modo de vida da Organização, de fazer aliados, que Galera mostra o potencial de imaginação política que a ficção climática tem. Como Amitav Ghosh vai observar em *O grande desatino* (2022), “o que a ficção [...] torna possível é abordar o mundo de modo subjuntivo, concebê-lo como se fosse diferente do que é: em suma, a grande, insubstituível potencialidade da ficção é que ela permite a imaginação de possibilidades” (Ghosh, 2022, p. 140). E, neste caso, Galera parece ir além de indicar possibilidades para habitarmos o Antropoceno, ele nos faz repensar o fato de que a nossa realidade, por vezes, pode ser pior que a própria ficção especulativa, principalmente quando vemos seu livro como um todo e colocamos a primeira novela da obra, também chamada de “*O deus das avencas*”, sob escrutínio. Uma narrativa com traços do que tradicionalmente entendemos como literatura realista, mas que nos causa até mais angústia sobre o futuro do que as duas ficções especulativas que dão sequência ao livro.

Araújo (2023), no artigo já citado, comenta justamente sobre essa transformação do planeta que conhecíamos em um outro planeta estranho, ao que parece, é um dos motivos para o interesse crescente que notamos da literatura brasileira com a ficção especulativa. Como ele observa, começamos mesmo a nos questionar “em relação ao que costumávamos chamar de realidade” (Araújo, 2023, s.p.), uma vez que a crise climática não é mais para o futuro, mas já é a nossa realidade presente. Assim, o interesse crescente pela ficção climática na literatura brasileira contemporânea parece estar ligado à necessidade de repensar algumas questões mais teóricas sobre a própria literatura também. Afinal, a urgência de abandonarmos o

pensamento individualista e excepcionalista do capitalismo tardio já se tornou evidente e, na mesma lógica, talvez os moldes literários que seguimos também precisem ser repensados.

No artigo “Ciencia ficción lationoamericana: dissidentes zombies y extraterrestres en la Amazonía” (2023), Emily Hart fala de uma avalanche de ficção científica na América Latina como um todo e traz a fala de um editor de Bogotá, Rodrigo Bastidas, que comenta que, na América Latina, costumava-se dizer que não pensávamos no futuro porque estávamos preocupados demais sobrevivendo ao presente (Hart, 2023, s.p.)⁵, motivo pelo qual muito da nossa literatura tenha seguido uma tradição realista, com uma necessidade documental até. No entanto, na matéria, Bastidas comenta que estamos, finalmente, nos dando conta de que o futuro “não é algo que necessariamente aceitamos a partir da imposição de outros (...) podemos apropriar-nos do futuro e construir nossas próprias formas do porvir (...) nós mesmos podemos construí-lo”⁶ (Hart, 2023, s.p.). “Bugônia”, neste sentido, faz o movimento observado por Bastidas, nos apresentando uma reflexão sobre possibilidades de vida no Antropoceno, uma forma de imaginação política que nos incita a pensar em outras maneiras de construir futuros para o nosso presente.

A novela de Galera se passa no que poderia ser os arredores de uma Porto Alegre do futuro⁷, “mergulhada na água e quase só ruína”

5 No original: “La gente me ha dicho que no tienen tiempo de pensar en el futuro porque están demasiado ocupados sobreviviendo en el presente”.

6 No original: “(...) no es algo que necesariamente tomamos a partir de la imposición de otros (...) [p]odemos apropiarnos del futuro y construir nuestras propias formas del porvenir (...) [n]osotros mismos podemos construirlo”.

7 A indicação da cidade não é explícita, mas podemos deduzir que talvez seja Porto Alegre pela referência à rede de supermercados Zaffari, que possui diversas lojas na cidade e tem como símbolo um esquilo. No romance, quando o líder dos carvoeiros nos é apresentado, Esquilo, é sugerido por um dos personagens que o nome dele pode

(Galera, 2021, p. 172), com rios poluídos⁸ e atormentada por uma caravana de carvoeiros que busca eliminar os humanos. Neste lugar, encontramos um grupo de pessoas que vive em certa harmonia, embora com um conflito interno que logo emerge na narrativa. De um lado, temos na comunidade o pensamento da matriarca, chamada de a Velha, que defende a manutenção de alianças entre humanos e não humanos e acredita que o passado deva ser deixado para trás, uma vez que “um humano não deve ser nada além do que vai se tornar no instante seguinte” (Galera, 2021, p. 177). Do outro lado, temos Alfredo, que “diz que sem lembranças não saberemos evitar os erros e tentações que conduziram às catástrofes” (Galera, 2021, p. 177), defendendo a manutenção da memória e do conhecimento do passado. O conflito é intensificado com a chegada de um astronauta ferido que cai com sua nave próximo ao Topo, local onde o Organismo se encontrava. No entanto, como nos indica Donna Haraway, “permanecer com o problema é pensar sobre as contradições complexas e densas do nosso presente” (Haraway, 2016, p. 1) e isso implica mesmo a existência de conflitos, como os que aparecem no Organismo.

A queda do astronauta é o evento que intensifica a divisão do grupo entre seguir o que a Velha pregava ou o que Alfredo defendia. Com o acidente, descobrimos que alguns tiveram recursos para abandonar o planeta, até que a situação no espaço acabou se tornando pior do que na Terra. Parte do grupo, sabendo deste

fazer referência ao animal esquilo, que embora não seja típico da região do Organismo, talvez tenha tido alguma relevância no passado, uma vez que um dos personagens havia encontrado “uma sacola de plástico muito velha que tinha um desenho de um esquilo” (Galera, 2021, p. 172), fazendo uma alusão à sacola do supermercado.

8 Cf: “as abelhas morriam de venenos espalhados nos campos e cursos d’água” (Galera, 2021, p. 178).

passado e tendo como porta-voz Alfredo, vê o astronauta como um “traidor da humanidade”, e afirma “que humanos como ele provocaram as catástrofes das quais depois escaparam” (Galera, 2021, p. 235). Conhecimento que irá influenciar na forma como a comunidade vai tratar esse homem que invade o espaço deles e fará com que a protagonista, Chama, comece a temer que o Organismo esqueça os ensinamentos da Velha e traga de volta violências “que nada têm a ver com sobreviver” (Galera, 2021, p. 203).

Chama é uma menina que cresceu no Organismo e desde cedo descobriu que a resposta para sobreviver à crise está nas alianças e na comunidade – que a criou como filha de todos. Chama foi, inclusive, amamentada por várias mulheres do Organismo. E ela é a única que parece ter o poder de manter a comunidade viva após o incidente que desencadeia o sumiço das abelhas que produziam o necromel. Percebendo que “a aura de ameaça inocente que paira em torno dos meninos do Organismo” (Galera, 2021, p. 204), que torturam animais, pode ser perigosamente despertada, ela tenta evitar a catástrofe quando Alfredo começa a ganhar poder com um discurso de “sacrifício” do homem recém-chegado, baseado nos livros antigos que diziam que “desde a mais remota antiguidade (...) a morte é provocada em oferendas para ativar os ciclos de renovação e fertilidade” (Galera, 2021, p. 222). Chama percebe que essa solução simples, pautada na violência, poderá desencadear eventos mais sombrios para todos, pois, como ela havia aprendido com a Velha, “sempre que as coisas se tornam simples há violência desmedida e aniquilação do que é diferente” (Galera, 2021, p. 183). E a solução encontrada nos livros do passado parece fácil demais para um presente tão denso como o dos personagens.

A disputa entre esses dois lados, representados pela Velha e por Alfredo, na qual Alfredo, em um primeiro momento, vence ao conseguir o seu sacrifício humano, logo mostra que ambos, de certa maneira, estão equivocados. Nem o passado é útil para construir um novo mundo nas ruínas do Antropoceno, uma vez que em momentos de crise a resposta acaba caindo em uma forma de violência já conhecida; tampouco ignorar esse passado completamente se torna útil, já que, como nota Chama, “sem resíduo algum de passado o presente não consegue nascer” (Galera, 2021, p. 223). É necessário algo novo, que na narrativa vem com a protagonista, que é quem consegue estabelecer uma nova aliança com as abelhas, um “arranjo novo que aparenta dizer respeito somente a ela mesma, algo para o qual o Organismo não está preparado” (Galera, 2021, p. 221), nos avisa o narrador.

Como Anna L. Tsing (2015) nota no seu estudo sobre os cogumelos *matsutaki*, a precariedade das condições que nos deixa vulneráveis a identificar a possibilidade de outros arranjos. Em uma situação extrema como a que se desenrola, é necessário que o Organismo descubra seu próprio caminho, algo que Chama parece ser a única, em um primeiro momento, a conseguir perceber. Como Tsing defende: “pensar sobre precariedade torna evidente que a indeterminação também torna a vida possível”⁹ (Tsing, 2015, p. 20) e, na narrativa, a protagonista parece entender que a contaminação que o astronauta traz para a comunidade não precisa ser algo exatamente ruim. O encontro pode servir para eles repensarem suas estruturas e para apontar novas direção – de forma que a comunidade não precise ser tão dividida quanto antes. Como o Organismo bem

9 No original: “thinking through precarity makes it evident that indeterminacy also makes life possible”.

sabe, “adaptar-se às circunstâncias é a essência da sobrevivência”¹⁰ (Tsing, 2015, p. 27), e todos eles são sobreviventes ali. Inclusive, é com a ascensão de Chama na comunidade que eles conseguem eliminar os carvoeiros que os apavoravam no início da narrativa – grupo de sobreviventes que são conhecidos assim por terem aberto as entradas para as velhas minas de carvão que existiam nas terras mais baixas, puxando um caminhão “pelas velhas estradas de chão batido e de asfalto agarrados a feixes de cordas emaranhadas que lembra (...) os complicados jogos de cama de gato que as crianças fazem com as mãos e barbante” (Galera, 2021, p. 190). Na narrativa, o grupo é conhecido por matar todos que encontram pela frente por acreditarem que os humanos eram “uma peste pior que as bactérias e que seria melhor que fosse exterminado até não sobrar nenhum” (Galera, 2021, p. 190).

Após ser punida pelos companheiros por tentar ajudar o astronauta, Chama retorna ao Topo guiada pelas abelhas, tomando o lugar de líder e alertando que “haverá memória, mas só a partir de agora”, e avisa que “precisará de todos os outros porque humanos precisam dos corpos e pensamentos uns dos outros para vicejar” (Galera, 2021, p. 246). Chama sabe que a aliança do Organismo e das abelhas traz benefícios para ambos os grupos, as abelhas também dependem da comunidade do Topo para sobreviver. Mesmo as bactérias que alimentam as abelhas e matam os humanos, na comunidade, como avisa um dos personagens, “não estão em nós (...) estão conosco” (Galera, 2021, p. 196), mostrando a cama de gato de alianças que são necessárias para permanecermos vivos. A discussão que surge na narrativa ressoa a ideia de Haraway, de “fazer parentes

10 No original: “changing with circumstances is the stuff of survival”.

em termos de conexão inventiva, como práticas para aprendermos a viver e morrer bem uns com os outros em um presente denso”¹¹ (Haraway, 2016, p. 1). E “Bugônia” nos indica que não se trata de recuperar o que foi perdido, mas fazer o possível com o que restou, fala de “modestas possibilidades de recuperação parcial”¹² (Haraway, 2016, p. 10), usando as palavras de Haraway.

A novela de Galera, desta forma, faz o que Haraway chama também de “*sf mode*”, inspirada no trabalho de Joshua/Sha LaBare (2010), que argumenta que a ficção científica não seria fundamentalmente um gênero literário, mas sim um modo de atenção. Para LaBare, a ficção científica “oferece uma forma de focar a atenção, de imaginar e criar alternativas para o mundo”¹³ (Labare, 2010 apud Haraway, 2016, p. 213). E, instruída nesse *SF*, Haraway vai sugerir que talvez seja possível “evitar um desastre inexorável e plantar o concebível germe de possibilidade para a recuperação multiespécies e multiépocas antes que seja tarde demais”¹⁴ (Haraway, 2016, p. 213). Assim, poderíamos dizer que “Bugônia” trabalha com essa possibilidade que Haraway nota e nos apresenta fabulações especulativas que nos indicam a necessidade de deixarmos para trás os discursos de excepcionalismo para que consigamos pensar em termos de companheirismo, de ver outras espécies como companheiras, a fim de tecer condições para florescermos no aqui e agora.

11 No original: “make kin in lines of inventive connection as a practice of learning to live and die well with each other in a thick present”.

12 No original: “(...) modest possibilities of partial recuperation”.

13 No original: “What I call the ‘sf’ mode offers one way of focusing that attention, of imagining and designing alternatives to the world”.

14 No original: “avert inexorable disaster and plant the conceivable germ of possibility for multispecies, multiplacetime recuperation before it is too late”.

Em um texto de introdução para o livro *Arts of living on a Damaged Planet* (2017), Tsing, Swanson, Gan e Bubandt comentam sobre a natureza estar se tornando estranha para nós nas condições que estamos de destruição ambiental e se perguntam sobre como podemos encontrar um caminho. A resposta deles, por sua vez, aponta para o fato de que “talvez sensibilidades vindas do folclore e da ficção científica – como monstros e fantasmas – possam nos ajudar”¹⁵ (Tsing et al., 2017, p. M2), indo ao encontro do que percebe Haraway sobre o “*sf mode*”. E a discussão que Galera traz na novela nos convida justamente a pensar sobre qual história queremos contar a partir de agora. A destruição ambiental já não é algo do futuro, é a nossa constante presente, e as histórias que escolhemos contar agora fazem diferença no que queremos construir a seguir. O que, evidentemente, não quer dizer que ficções climáticas como a de Daniel Galera tenham respostas para a crise, uma vez que isso não é o papel da literatura. No entanto, as possibilidades de construções de outros mundos e de outras visões de como habitar o planeta nos convidam a, pelo menos, pensar sobre o problema.

Tal linha de pensamento dialoga também com Isabelle Stengers, que entende a ficção científica como uma forma de experimentação que pode revelar as potencialidades que determinada época percebe. Em *Science Fiction to Science Studies* (2018) – assim como em outros textos, como *Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências* (2023) –, Stengers vai propor uma discussão que retire as ciências chamadas “duras” de um pedestal para que elas dialoguem respeitosamente com outros saberes, a fim de promover uma compreensão mais ampla e reflexiva da própria

15 No original: “Perhaps sensibilities from folklore and science fiction – such as monsters and ghosts – will help”.

ciência. No artigo supracitado, no entanto, ela vai estabelecer uma relação direta entre a ciência e a ficção científica, falando do potencial explorador da ficção, que lança a hipótese “e se...” (*what if...*) para o leitor e cria a situação que irá explorar a pergunta proposta, além de experienciar os efeitos dos eventos criados. Stengers, então, irá argumentar que a pergunta feita pela ficção científica não busca produzir “fatos” e alegar autoridade, mas apenas experimenta o que poderia ser. Para ela:

A FC nunca está errada, é apenas mais ou menos interessante, porque não se trata do futuro (ou do passado, ou de ‘outro mundo’), mas sim dos intervalos, do que se esconde nos interstícios da significação atribuída a cada momento, preparando-se para o próximo (...) explorando o halo virtual das perguntas e especulações que esta época específica nos torna capazes de fazer. (Stengers, 2018, p. 32)¹⁶

Em última análise, o que Stengers está defendendo é o potencial experimental da ficção científica – e aqui podemos colocar toda a ficção especulativa, pois é também o que a distopia, a utopia, as narrativas pós-apocalípticas, entre outros, fazem. Para a filósofa, assim como para Haraway, nosso futuro não precisa ser o que tudo indica que será. É preciso imaginação para resistir ao apocalipse e imaginar outras formas de habitar o mundo e, para ela, neste sentido, os escritores de ficção científica podem ser entendidos como pesquisadores, como são os cientistas. Para Stengers, “FC não é sobre um futuro sombrio (assunto muito fácil), mas sobre o que

16 No original: “SF is never wrong, just more or less interesting, because it is not about the future (or the past, or “another world”) but about intervals, about what lurks in the interstices of the assigned signification of each moment as preparing for the next (...) exploring the virtual halo of the questions and speculations this particular epoch makes us capable of”.

poderíamos possivelmente tornar-nos capazes de pensar, sentir e imaginar”¹⁷ (Stengers, 2018, p. 38).

Neste sentido, “Bugônia” estabelece um diálogo direto com essas discussões do Antropoceno. O exercício de imaginação feito na novela nos leva a entender a fragilidade das alianças, que não são eternas – e que Chama nota antes mesmo do acidente com o astronauta, se perguntando o que iria acontecer quando não houvessem mais mortes por acidentes, doença ou velhice na comunidade. O necromel que Celso, um dos integrantes do Organismo, identifica como uma novidade que as abelhas começaram a fazer “para que nós, humanos, pudéssemos ser novos também” (Galera, 2021, p. 181), nos coloca diante do experimento de como seria um mundo regido por tais acordos. A cooperação mútua triunfa na precariedade de um mundo devastado, porque é também na indeterminação que novas formas de sobrevivência surgem, como defende Tsing (2015). Uma aliança que durou aproximadamente 30 anos para o Organismo, tempo em que o Topo ficou sem a peste do sangue, e que retorna justamente com a queda do astronauta e com a doença de um dos integrantes. Algo que

[...] cristaliza outra vez na comunidade o entendimento de que as alianças são ciclos, que ciclos podem durar muito tempo mas não para sempre, que o ciclo dos cadáveres e do néctar imunizante parecia eterno mas se estabelecia entre entes tão distintos mediante a mais delicada alquimia de mortes, nascimentos, decomposição e nutrição. (Galera, 2021, p. 231)

E, a partir de então, vemos o experimento tomar outro rumo. Com a morte do astronauta, outra vez a proposição “e se...” vai surgir.

17 No original: “Nevertheless, SF is not about doom (an easy matter) but about what we might possibly become able to think and feel and imagine”.

Agora, Chama irá encontrar outra forma de se aliar com as abelhas, que a seguem, cobrem os seus cabelos e aniquilam os carvoeiros ao final da narrativa. Experimentos que nos levam a imaginar que a crise não necessariamente implica um fim, que é possível pensar em termos de continuidade no planeta. “Nossa realidade já se tornou surreal” (Tokarczuk, 2023, p. 256), observa a vencedora do Nobel de Literatura de 2019, Olga Tokarczuk, e, às vezes, as narrativas podem nos lembrar que, apesar disso, ainda podemos abrir uma brecha na nossa realidade e imaginar outras formas de ser e pensar no mundo. Galera, por sua vez, sugere em “Bugônia” que esse exercício deve ser feito em conjunto, como nos *SFs* de Haraway.

A ficção, por certo, está mudando junto com o mundo, como havia notado Jeff VanderMeer (2023) no seu artigo da *Esquire*. O fato de o mundo ter se transformado em um lugar estranho e hostil com a crise parece nos fazer perceber que o que antes pensávamos ser um futuro distante já está aqui, bem mais próximo. Talvez essa mudança de perspectiva, esse “realismo proléptico” que parece surgir nas narrativas *cli-fi* do nosso tempo, explique um pouco o aumento do interesse na ficção especulativa que trata da crise climática no Brasil nos últimos anos. No entanto, o que é mais interessante para essa reflexão é perceber como essas imaginações e fabulações que surgem em obras como a de Daniel Galera, que experimentam com outras formas de perceber e sentir o mundo e exploram potencialidades que estão latentes no nosso presente, são potentes para pensarmos e – com sorte – sobrevivermos no Antropoceno.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, André. Quando o familiar se tornou um alienígena? Sobre Antropoceno e ficção. In: *Suplemento Pernambuco*. Recife, 2023. Disponível em: <http://www.suplementope.com.br/capa/3074-quando-o-familiar-se-tornou-um-alien%C3%ADgena.html>. Acesso em: 8 jul. 2023.

BLOOM, Dan. “Cli-Fi” may be no stranger than reality. In: *Our World*. Tokyo, 2014. Disponível em: <https://ourworld.unu.edu/en/cli-fi-may-be-no-stranger-than-reality>. Acesso em: 03 fev. 2024.

GALERA, Daniel. *Meia-noite e vinte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GALERA, Daniel. *O deus das avencas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

GHOSH, Amitav. *O grande desatino: clima, colonialismo e o inconsciente*.

Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Todavia, 2022.

HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.

HART, Emily. Ciencia ficción latino-americana: dissidentes zombis y

extraterrestres em la Amazonía. In: *The New York Times*. Nova Iorque, 2023.

Disponível em: <https://www.nytimes.com/es/2023/06/10/espanol/ciencia-ficcion-latinoamericana-autores.html?smid=wa-share>. Acesso em: 8 jul. 2023.

JOHNS-PUTRA, Adeline. Climate change in literature and literary studies: From cli-fi, climate change theater and ecopoetry to ecocriticism and climate change criticism.

In: *Wiley Interdisciplinary reviews*. Hoboken, n. 2, v. 7, p. 266-282, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/28636625/Climate_change_in_literature_and_literary_studies_From_cli-fi_climate_change_theater_and_ecopoetry_to_ecocriticism_and_climate_change_criticism. Acesso em: 31 jul. 2023.

POLESSO, Natalia Borges. *A extinção das abelhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

VION-DURY, Philippe. Kim Stanley Robinson: We Need Democratic Socialism.

In: *Jacobin*. Nova Iorque, 2022. Disponível em: <https://jacobin.com/2022/10/kim-stanley-robinson-democratic-socialism-science-fiction-utopianism-capitalism-climate-crisis>. Acesso em: 03 fev. 2024.

FEDER, Helena. The realism of our time: Interview with Kim Stanley Robinson.

In: *Radical Philosophy*. Londres, 2018.

STENGERS, Isabelle. Science Fiction to Science Studies. In: MEYER, Steven (Org). *The Cambridge Companion to Literature and Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

TERRON, Joca Reiners. *A morte e o meteoro*. São Paulo: Todavia, 2019.

TSING, Anna Lowenhaupt et al. Bodies tumbled into bodies. In: TSING, A. L.; SWANSON, H.; GAN, E.; BUBANDT, N (Orgs.). *Arts of Living on a Damaged Planet: Monsters of the Anthropocene*. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 2017.

TSING, Anna L. *The Mushroom at the End of the World: on the possibility of life in capitalist ruins*. New Jersey: Princeton University Press, 2015.

VALEK, Aline. *Cidades afundam em dias normais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

VANDERMEER, Jeff. Climate Fiction Won't Save Us. In: *Esquire*. Nova Iorque, 2023. Disponível em: <https://www.esquire.com/entertainment/books/a43541988/climate-fiction-wont-save-us/>. Acesso em: 8 jul. 2023.

WOODS, Derek. Genre at Earth Magnitude: A Theory of Climate Fiction. In: *New Literary History*. Baltimore, n. 2, v. 54, p. 1143-1167, 2023.